



Mário Abrantes

Vozes diferentes

Na sessão onde participou a Presidente do Parlamento Europeu como convidada do Presidente da Assembleia da República Portuguesa, na passada sexta-feira, dia 16, o PCP foi uma voz diferente. Poucos portugueses se puderam inteirar do conteúdo dessa voz, protagonizada pela Presidente do Grupo Parlamentar daquele partido, Paula Santos, já que todo o relevo da comunicação social portuguesa foi para o desafio demagogo e desajustado em diversos sentidos, com que Roberta Metsola procurou fugir às importantes questões colocadas pela deputada comunista, convidando esta a repetir no Parlamento Ucrainiano o que tinha dito ali no Parlamento Português...

Em resumo, o que disse Paula Santos, além das incómodas críticas às políticas europeístas, exemplificando com a subida das taxas de juro, foi que a guerra não servia ninguém, que só poderia resolver-se por via da negociação, que eram os salários e as pensões dos portugueses quem mais sofria com a política de ajuda militar massiva da União Europeia à Ucrânia e com as sanções económicas por ela decretadas contra a Rússia. No apressado e arrogante convite de resposta a Paula Santos, Roberta Metsola esqueceu-se de dois “pequenos” pormenores: Quem estava no parlamento certo e de plenos poderes para dizer à vontade o que bem entendesse era a deputada comunista e não a convidada. Que não teria qualquer cabimento democrático a presença de Paula Santos num simulacro de parlamento estrangeiro donde todos os partidos de esquerda, com os comunistas à cabeça, e incluindo posteriormente democratas e socialistas (representando juntos cerca de 45% do eleitorado), foram banidos, ilegalizados e passaram a ser sistematicamente perseguidos e violentados por afirmarem opiniões distintas do poder.

Mas a voz diferente do PCP não está isolada e justifica-se. Ela está de acordo com a Constituição Portuguesa (“solução pacífica dos conflitos internacionais”), com os princípios da Carta das Nações Unidas e da Ata Final da Conferência de Helsínquia. Ela levanta-se contra aquilo que prejudica as populações, os trabalhadores e os povos, como é o caso flagrante da guerra, não só na Ucrânia, mas também na Palestina, no Iémen, na Síria e no Sara Ocidental. Ela levanta-se contra aqueles que lucram milhões e milhões com a guerra, nomeadamente as empresas de armamento e também as da energia e dos bens alimentares.

Outras vozes diferentes se fizeram também ouvir em várias capitais de distrito, culminando no sábado em Lisboa. Milhares de portugueses saíram às ruas na passada semana reclamando precisamente pelo fim da(s) guerra(s), que apenas servem os interesses e os fabulosos lucros das multinacionais do armamento, da energia, da alimentação e da distribuição, e exigindo a abertura de caminhos diplomáticos e políticos para a Paz no mundo, em defesa da segurança, da prosperidade e do futuro dos povos.

Vindas de África outras vozes diferentes, mesmo sendo objeto de desrespeito institucional e de segregação racista à sua passagem pela Polónia, a caminho da Ucrânia, também se fizeram ouvir. As delegações presidenciais da África do Sul, Egito (primeiro-ministro), Congo, Uganda, Senegal, Zâmbia e Comores estiveram reunidas com Zelensky e Putin, exigindo em nome dos seus povos, por ela prejudicados, o fim da guerra entre a Rússia e a Ucrânia e um processo com vista a alcançar a paz através de negociações políticas.

Vozes diferentes porque: “Todos têm direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento...sem impedimentos nem discriminações” (Artº 37 da Constituição Portuguesa).



Figueirão de Cipriedo

O melhor do mundo são as criancinhas e o União Micaelense

Hip Hip Hurra! A cultura dos Açores está como o piquinho da montanha da ilha maior naqueles dias raros de sol prepotente: descoberta, orgulhosa e nítida. Sara Cruz encheu 4 estádios de Coimbra, a pintura de Mário Roberto é disputada em leilões da Sotheby's, o fotógrafo Luís Godinho faz as canadas da Terceira num Lamborghini adquirido por obra e graça dos cachets com que lhe acenam em virtude de tantos prémios, o novo livro de Nuno Costa Santos está na short-list do Pulitzer, encontram-se esgotados os cruzeiros ávidos de gente desse mundo de Deus Nosso Senhor destinada ao Tremor 2024, Maria João Gouveia esgotou o Madison Square Garden com um bailado sobre o botequim da Natália, Augusto Fraga adapta para Hollywood um biopic de Antero a ser protagonizado por Ryan Gosling, a obra de Nemésio está em rotação diária e estudo intensivo por intelectuais franceses no horário nobre do canal Arte, as partituras de Francisco de Lacerda regressam aos palcos pela batuta de Sir Simon Rattle, Terry Costa é o próximo Prémio Pessoa (e Marcelo Rebelo de Sousa já nem se priva de usar o Falcon para um par de mergulhos semanais no cais da Mirateca).

Os resultados do sucessivo trabalho obstinado e esplendoroso de PS e PSD, esse verdadeiro ‘centrão’ de cunho cultural, aliança democrática em prol das artes atlantes, estão à vista do planeta boquiaberto. Só isso pode

justificar aquilo que se lê no Jornal Oficial, nomeadamente na Portaria nº 727/2023 de 11 de Abril deste ano da graça. A Direcção Regional das Comunidades que, desde tempos longínquos, atribui apoios anuais que bastas vezes nem dão para ligar de barco Santa Maria a São Miguel quanto mais os Açores à sua Diáspora, decidiu atribuir ao histórico União Micaelense – no fito de concretizar o 15th Internacional Football Tournament Azores (assim mesmo in english) – a módica quantia de 20.000 euros.

Pergunta-se porventura o leitor: “Vão os descendentes de Pauleta e Iuri Medeiros levar a glória do ludopédio açoriano aos *azoreños* do Uruguai, à 10ª ilha de Florianópolis, percorrer os EUA de costa a costa sem deixar o esférico cair no chão?”.

Não. O excelso torneio que decerto tanto fará pela nossa ponte atlântica (ou tanto fez, já que se realizou entre 5 e 8 de Abril), ficou-se por Ponta Delgada. Ah sim! E foi exclusivamente dedicado aos petizes, a todos esses ditosos amanhãs que cantam na classe sub-11. 20 mil euros para os meninos jogarem à bola. Talvez esteja na altura - sobretudo num tempo em que se reescrivem livros para acudir às agudas sensibilidades contemporâneas - de rever e aumentar Fernando Pessoa: “O melhor do mundo são as crianças, oh, e o União Micaelense”.